

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

COLABORAR NA CIÊNCIA NÃO É CORROBORAR

Caroline Reolon

O movimento da Ciência Aberta já não é mais novidade, nem mesmo a menina dos olhos da pesquisa: o acesso aberto. Muitos sabem que a ciência leva tempo, a captação e análise de resultados pode ser morosa, a avaliação de um manuscrito pode durar meses, e ao fim, quando aprovados, digamos que os periódicos científicos não contribuem para a celeridade científica, sobretudo as revistas das grandes editoras, que não apenas cobram dos autores para publicar, como também cobram o acesso, que dessa forma, fica restrito a uma pequena parcela da academia. É nesse contexto que se insere a Ciência Aberta, cujo objetivo é tornar o conhecimento científico disponível a todos, compartilhado com toda a comunidade científica mundial, e com a sociedade.

No entanto, a mera abertura dos resultados de uma pesquisa (ou até mesmo dos dados, ou pareceres) não garantirá o alcance dos objetivos mais amplos da Ciência Aberta. Se pretendemos que o conhecimento científico seja verdadeiramente aberto e compartilhado com toda a sociedade, é necessário criar formas e projetos para

que a colaboração científica seja efetiva. Isso envolve integrar centros de pesquisa, fomentar as ciências humanas, promover debates científicos nas escolas primárias, inserir as mulheres e outros grupos que ficam à margem da construção científica, de forma significativa no contexto da ciência, conectar pesquisadores de diferentes áreas, e refletir sobre as condições em que se é produzida a ciência. Precisamos de uma Ciência Aberta com IDEIA (Impacto, Diversidade, Equidade, Inclusão), com indicadores sociais que possam mensurar a produção científica real, e não apenas indicadores quantitativos de números de citações como vem sendo feito atualmente, uma ciência onde muitos nem se preocupam com a qualidade das publicações, uma ciência feita para poucos e que tem relevância apenas na plataforma Lattes, para pontuar na CAPES e garantir meio ponto em qualquer concurso público.

Além disso, se o objetivo da Ciência Aberta é tornar o conhecimento acessível a todos e utilizá-lo para o desenvolvimento social, cultural e econômico, para que isso aconteça, é necessário promover a colaboração científica de maneira ampla e inclusiva. Isso significa que a colaboração deve ir além das fronteiras da comunidade acadêmica e envolver diversos setores da sociedade. Para que a ciência seja verdadeiramente inclusiva, é essencial envolver sujeitos de diferentes localidades e contextos na produção do conhecimento. Essa integração é importante porque só assim teremos uma interdisciplinaridade verdadeira, e uma ciência mais plural, preenchida de diversidade, e então a ciência poderá avançar para toda a sociedade de forma igualitária. Deveria estar a esse serviço os debates sobre uma Ciência realmente Aberta e Colaborativa. Mas ainda nos limitamos a pensar em uma ciência que gere produção acadêmica, esquecendo-se talvez do que de fato importa: para que se faz ciência?

É nessa interrogação que mora a maioria das suposições sempre que penso em ciência. Para quê? É evidente que esta é uma pergunta retórica, mas ousou responder de alguma forma: para mim, se faz ciência para evoluirmos como sociedade. Sendo assim, acredito que a prá-

tica de ciência colaborativa deve incluir governos, empresas, organizações não-governamentais, e o público. E sobre o público, eu sempre penso em como os cientistas falham em divulgar o seu conhecimento científico, haja vista que o modelo de negócio de avaliação não contribui, mas também, porque para muitos, publicar em um periódico científico já é comunicar a ciência, não importa que essa publicação só atinja a sua própria comunidade, ou, muitas vezes, porque o fazer ciência já está tão imbuído de dificuldades, que ser comunicólogo da sua produção não está entre os planos do pesquisador. O que muitas vezes acaba fazendo da comunidade científica/acadêmica um clubinho em que os pares só interagem entre si.

Então, imagine uma nova Plataforma Lattes, que não sirva apenas para registrar a produção acadêmica, mas que conecte todas as partes interessadas na produção científica e esteja aberta a interações. Essa plataforma poderia conectar os saberes dos pesquisadores para além do projeto de pesquisa em andamento e do que tem sido disseminado em periódicos científicos e eventos especializados. Uma comunidade de pesquisadores dispostos a exercer o melhor da ciência aberta, a abertura de verdade, que passa pela abertura de dados, pela integridade científica, pela ciência cidadã e a ciência colaborativa, mas também pelo diálogo do pesquisador com a sociedade, para que então o ciclo da informação proposto pelo Le Coadic possa ser utilizado em toda potência. Que a pesquisa seja **construída, comunicada e utilizada**, não ficando apenas esquecida em uma tese, uma dissertação, nos confines dos repositórios das universidades.

A criação de uma plataforma que conecte o pesquisador com base no seu conhecimento com quem tiver interesse, pode ser capaz de otimizar o processo de pesquisa, identificar *gaps*, conectar atores diferentes (como outras instituições ou países), aproximar o cientista da sociedade, e da sua comunidade local, construir um mapa da produção científica no país, além de quem sabe, agregar mais significado na atu-

ação do pesquisador. São diferentes olhares, sujeitos, perspectivas, que podem fazer a diferença.

Acredito que atualmente é muito difícil percebermos o avanço tecnológico, porque a pesquisa foi se tornando cada vez mais especializada e isso faz com que a colaboração individual do pesquisador pareça ínfima, então se várias partes pequeninas estiverem colaborando juntas, podemos construir essa ponte de avanço científico com muito mais rapidez.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Rafael. Dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite. **Jornal da USP**, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/dados-mostram-que-ciencia-brasileira-e-resiliente-mas-esta-no-limite/>. Acesso em: 29 out. 2024.

FOSTER OPEN SCIENCE. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.fosteropenscience.eu/>. Acesso em: 29 out. 2024.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

UNESCO. Open Science. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/open-science>. Acesso em: 29 out. 2024.